

TIPOLOGIA DOCUMENTAL E A FORMAÇÃO DISCURSIVA

Thiago Henrique Bragato Barros (UNESP)¹;sean.vogel@gmail.com;
Natália Bolfarini Tognoli (UNESP)²;nataliabtognoli@yahoo.com.br.

Resumo

O aparecimento da Arquivologia deve-se em grande parte à institucionalização dos arquivos. Neste sentido, a prática arquivística apareceu antes de sua teoria, ou seja, o arquivo enquanto instituição conservadora e coletora de documentos é anterior aos processos de organização dos arquivos. Com isso as teorias desenvolvidas a partir do final da década de 80 são frutos de uma mudança no cenário conceitual da disciplina, uma vez que a Arquivística começa a contar com um novo método para a identificação documental. Esse novo método analítico-comparativo é oferecido pela Diplomática, e chega até os arquivistas sob o título de Tipologia Documental. Essa última pressupõe o estudo das funções dos documentos, a fim de identificar seu contexto. A análise tipológica irá oferecer ao arquivista outro caminho para a compreensão dos conjuntos documentais, que é o estudo da espécie e do tipo documental, revelando, portanto, todas as informações necessárias para a organização de um fundo, grupo ou série documental. Desta forma, o aparecimento desta nova maneira de olhar e organizar os documentos constitui uma mudança na Formação Discursiva estabelecida na disciplina, ou seja, o aparecimento da tipologia documental é parte de uma mudança nas estruturas da disciplina, perpassando o campo técnico, mas perpassando um feixe muito mais complexo de modificação nas relações entre a instituição arquivística e a sociedade, numa necessidade cada vez maior de métodos rápidos para a organização do conhecimento. A Formação Discursiva é um conceito próprio da Análise do Discurso, que pode ser compreendido como o conjunto de enunciados de uma unidade específica. A exemplo disso, a Tipologia Documental é um conjunto de enunciados próprios que estão apoiados num sistema de formação particular, mas compreendê-los como uma formação discursiva não significa ser um sistema fechado em si mesmo, e sim, fruto de um contexto histórico, técnico e ideológico. Dessa forma, pretende-se, nesse artigo expor os principais conceitos e princípios arquivísticos e relacioná-los com o método diplomático/tipologia documental, compreendendo estes fenômenos técnicos como uma formação discursiva e identificando a partir dela, seus contextos históricos, técnicos e ideológicos.

Palavras-Chave: Tipologia Documental; Formação Discursiva; Arquivologia;

Abstract

The appearing of the Archival Science is in part, due to the archive institutionalization. In this way, the Archival Science practice appear before her theory, thus, the archive as a institution that preserve and collected documents is set before the processes of archival organization. With that, the theories develop on the 80's is a result of a change on the conceptual scenario of the discipline, because before that the Archival Science starts to count with a new methods for the documental identification. This new analytic method and comparative is offered by the Dimplomatics that reach the archivists by the title of Documental Typology . The Documental Typology assumed the study of the document function, with the intent to find the production context. The typology analysis will offer to the archivists other way to find and comprehend the documents groups, finding this documents groups is an fundamental part for the organization of the fund. So, with this new way of look and organize documents is part of a change on the Discursive Formation of the discipline,

¹ Graduado em Arquivologia pela Faculdade de Filosofia e Ciência da UNESP – Campus de Marília
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP. Bolsista CAPES

² Graduada em Arquivologia pela Faculdade de Filosofia e Ciência da UNESP – Campus de Marília
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP. Bolsista FAPESP

thus the appearance of this new concept is part of a change on the structure of the discipline, passing by the technical field, but passing by a more complex sheaf changing the relations between archive institution and the society on a need more and more of fast methods to organize and describe in information and knowledge. The Discursive Formation is a peculiar concept of the Discourse Analysis, which can be understood as a whole of statements of a specific unit. On example of that, the Documental Typology is an whole with its own statements supported by a particular formation system, but understand this as an discursive formation don't means be an closed system, but part of a ideological contexts, technical and historical. In such case, this article intend to explore the principal concepts and archival principles and connect it with the documental typology, understanding these technical phenomena as a discursive formation and by finding the historical, ideological and technical concepts.

Key-Words: Documental Typology; Discursive Formation; Archival Science

1 Introdução

A arquivologia enquanto disciplina técnica, apareceu muito depois do surgimento de práticas ditas arquivísticas, ou seja, as práticas típicas de serem encontradas em arquivos são anteriores a sua institucionalização e organização.

Portanto a teoria arquivísticas desde seu início esteve muito ligada ao aparecimento das instituições arquivísticas e o aparecimento dos princípios norteadores da área, são fruto de uma necessidade administrativa de encontrar e compreender seus documentos.

Este artigo constrói, historicamente e conceitualmente, como se fundamenta o aparecimento de uma nova maneira de perceber os fundos arquivísticos a partir dos documentos em si mesmos. Este método de abordagem pode ser conhecido como Tipologia Documental e possui aplicação direta aos diversos fundos orgânicos.

Buscamos ainda, uma perspectiva diferenciada desta abordagem técnica, compreendendo-a como parte da formação discursiva da Arquivologia, ou seja, como parte dos enunciados da disciplina.

Esta abordagem vem claramente da Análise do Discurso, Brandão nos esclarece que (1997, p. 37) “o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da existência material das ideologias”.

Portanto, encarar a Arquivologia, como parte de um discurso é encará-la com parte de um campo de enunciados socialmente construídos e se encaramos a Arquivologia como uma Formação Discursiva, se pressupõe que à medida que este campo técnico é atravessado por campos ideológicos e que as relações são estabelecidas a partir de um embate de forças, portanto, de relações de poder.

Assim sendo, encaramos aqui o “desenvolvimento” técnico - científico da Arquivologia, como parte de um contexto muito mais amplo a ela mesma, e que o aparecimento da Tipologia Documental é fruto de modificações em algum grau na sociedade.

Esta abordagem ao tema justifica-se à medida que a Análise do Discurso, por meio da Formação Discursiva nos proporciona um olhar diferente às produções textuais e seus contextos de aparecimento.

Trabalhos com características primordialmente histórico-conceituais, ainda são novidade da área Arquivística, porém, nos últimos anos a preocupação com a pesquisa em Arquivística tem crescido e trabalhos desta ordem vão surgindo e são fundamentais para a caracterização da disciplina.

Busca-se, portanto, como resultado final construir um breve histórico da concepção da Tipologia Documental, explorada sob o olhar dos enunciados que ela estabelece.

2 ARQUIVÍSTICA: elementos históricos e conceituais

A história das práticas arquivísticas confunde-se com a história das civilizações e de seus escritos. Os primeiros documentos registrados e conservados para fins de prova e preservação da memória remontam às antigas civilizações do Oriente Médio. Têm-se, registros destas práticas arquivísticas a partir dos séculos V e IV a.C, na antiga civilização grega.

Estudos nos revelam que já nessa época, os documentos eram organizados seguindo alguns princípios básicos, como o da “proveniência” que, embora ainda não tivesse sido promulgado, foi, pode-se dizer, o princípio norteador das antigas civilizações na organização de seus arquivos. A questão da forma do documento e de sua padronização também podia ser observada nessa época, como afirma Silva et al. (1999, p. 46)

De fato, os primeiros arquivos reúnem já ingredientes que vieram a torna-se clássicos e hoje ainda são defendidos pela disciplina. A mais importante das revelações tem a ver como o respeito aos aspectos orgânicos da estrutura arquivística, como se comprovou em Ebla (Síria). Mas havia também grandes cuidados com a identidade e a autenticidade dos próprios documentos. As placas sumérias evidenciam também, desde cedo, uma estrutura diplomática coerente e eficaz, a qual, em grande medida, servirá de modelo às chancelarias européias da época medieval e moderna.

Um primeira tentativa de sistematização das técnicas arquivísticas se dá a partir do século XVII, nos manuais de Diplomática. Dessa forma, o nascimento da Arquivística enquanto disciplina está intimamente ligado ao nascimento da Diplomática.

A partir do século XIX, os arquivos começam a servir de fonte para historiador, e a Arquivística é considerada como uma “ciência auxiliar da história”, a exemplo de outras disciplinas técnicas como a Diplomática, a Paleografia, a Sigilografia, entre outras. Nesse sentido, os arquivos são considerados laboratórios da História. A partir daí, a Arquivística começa a busca novas teorias e princípios que pudessem sustentar seu uso pelos historiadores, e fornecer a eles a informação precisa.

A criação na França da *École des Chartes* em 1821 contribuiu para uma visão historicista e culturalista do arquivo. Como reflexo, a organização dos documentos começou a privilegiar a classificação por assunto, em detrimento do arranjo dos conjuntos documentais.

Nesse contexto, é promulgado o maior princípio arquivístico e norteador de todos os fazeres da disciplina, o princípio da proveniência. Em 24 de abril de 1841, Natalis de Wailly, arquivista e historiador da seção administrativa dos arquivos departamentais do Ministério do Interior da França, anuncia o princípio como “princípio de respeito aos fundos³”, determinando que os documentos fossem organizados e reunidos por fundos⁴.

O nascimento da Arquivística enquanto disciplina científica se dá com a publicação, em 1898, do famoso Manual dos Arquivistas Holandeses⁵, importante por libertar a Arquivística das disciplinas a que essa se encontrava ligada, representando um grande avanço na teorização da disciplina, como bem expôs Silva et al. (1999, p. 115)

Esta obra representa um grande avanço na teorização arquivística, pelo pensamento que lhe está subjacente e pelo caráter sistemático da sua apresentação. Aspectos que nos nossos dias são considerados essenciais, como o conceito de arquivo, a organização dos documentos, a descrição, os inventários, o uso de normas e etc., estão todos eles tratados nesta obra.

Com a publicação do Manual dos Arquivistas Holandeses, outras obras importantes começam a ser publicadas, a fim de teorizar e sistematizar a disciplina. Entre

³ Como vimos esse princípio já era utilizado desde as antigas civilizações para organizar os documentos. O que temos no século XIX, com Natalis de Wailly é a formulação do princípio que se concretiza de forma explícita, através da circular expedida por ele.

⁴ Os documentos deviam ser reunidos de acordo com seus órgãos de origem.

⁵ *Handleiding vor het ordenen em bescheijven van archieven*, publicada em Haarlem em 1898, por S. Müller, T. Feith e J. Fruin.

os mais importantes podemos citar o *Manual of Archive Administration*⁶ de Hilary Jenkinson e *Archivistica*⁷ de Eugenio Casanova.

A partir do século XX, a visão historicista do arquivo começa a perder força e na década de 30 a dimensão administrativa dos arquivos é reintroduzida pelos EUA. Ao final da II Guerra Mundial os EUA assistem a uma explosão documental e a necessidade de se racionalizar a produção documental era eminente. Nasce então o conceito de gestão documental, que segundo Rondinelli (2004, apud INDOLFO et al, 1995, p.14) se constitui “no conjunto de procedimentos e operações técnicas referentes às atividades de produção, uso, avaliação e arquivamento de documentos em fase corrente e intermediária, visando a sua eliminação ou recolhimento para guarda permanente”.

A gestão de documentos se institucionalizou nos EUA ao ser aprovada, pelo Governo Federal, a Lei de Arquivos de 1950, que obrigava todo organismo a ter um programa permanente e ativo de documentos. Dessa forma, a gestão documental e a teoria das três idades restauram o conceito de documento e de arquivo como facilitadores da administração.

A partir da década de 80, a Arquivística é colocada novamente em contato com a Diplomática, devido à necessidade de compreender o processo de criação de documentos na burocracia do século XX, que aumentou consideravelmente a partir do final da 2ª Guerra Mundial, e que atribui maior importância aos procedimentos administrativos, incluindo o controle de documentos ativos e semi-ativos.

A junção dos princípios Arquivísticos e Diplomáticos originou a chamada Diplomática Arquivística Contemporânea, como será exposto no tópico seguinte.

3 A Diplomática Arquivística Contemporânea: o estudo da Tipologia Documental

Quando os arquivistas passam a olhar a Diplomática como uma ferramenta, um método analítico-comparativo para o tratamento da documentação gerada no século XX e XXI surge o estudo da Tipologia Documental, como destaca Tognoli (2007, apud BELLOTTO, 2004, p. 52)

⁶ Publicado em 1922.

⁷ Publicado em 1928.

A tipologia documental é a ampliação da Diplomática na direção da gênese documental e de sua contextualização nas atribuições, competências, funções e atividades da entidade geradora/acumuladora [...] ao incorporar todo o corpo teórico e metodológico da antiga Diplomática, pode ser chamada de Diplomática arquivística ou, melhor ainda, de Diplomática contemporânea.

A Diplomática Clássica irá focar seus estudos na espécie documental⁸, enquanto que a Diplomática Arquivística focar-se-á no estudo dos tipos documentais. Essa é a principal diferença entre as duas, como foi ilustrado por Bellotto no quadro abaixo:

| DIPLOMÁTICA | TIPOLOGIA/ARQUIVÍSTICA |
|---|---|
| <i>Campo de aplicação:</i> em torno do verídico em estrutura e finalidade do ato jurídico | <i>Campo de aplicação:</i> em torno da relação dos elementos com as atividades institucionais/pessoais. |
| <i>Objetivos sucessivos:</i> estabelecer/reconhecer: 1. Autenticidade relativamente à espécie/conteúdo/finalidade. 2. Datação 3. Origem/ proveniência 4. Transmissão/tradição documental 5. Fixação do texto | <i>Objetivos sucessivos:</i> estabelecer/reconhecer: 1. Origem/ proveniência 2. Vinculação à competência, funções, atividades da entidade acumuladora. 3. Associação entre a espécie e o tipo documental. 4. Conteúdo 5. Datação |

Quadro 1: Quadro comparativo das metodologias de tratamento documental

Fonte: Bellotto (2004, p. 53)

É a Diplomática, portanto, que vai oferecer a ferramenta para que o arquivista chegue à compreensão dos conjuntos documentais. Essa ferramenta é o estudo da Tipologia documental.

As fontes usadas para chegar à proveniência de um fundo - organogramas, estatutos, regimentos - e obter o conhecimento das funções são confiáveis porém não suficientes. É necessário conhecer as atividades específicas de cada organismo e isso só é possível a partir das informações reveladas no próprio documento (DURANTI, 1995, p. 202).

O documento irá fornecer ao arquivista toda a informação necessária para que ele possa entender os conjuntos documentais. Com a aplicação do método diplomático, a partir de um único documento o arquivista pode chegar a todo o conjunto documental, quem o produziu e o porque.

⁸ A espécie documental, enquanto expressão diplomática caracteriza um documento indivíduo; tem uma denominação imutável, ligada à sua estrutura semântica de redação imutável. O tipo documental é a configuração que assume a espécie documental de acordo com a atividade que ela representa (BELLOTTO, 2004, p. 56)

Além disso, segundo Tognoli (2007, p. 37) “a Diplomática proporciona a relação entre os criadores de documentos e os arquivistas, estabelecendo uma conexão entre o documento de arquivo e o sistema jurídico no qual foi criado”. Com isso, o arquivista pode identificar o estado de transmissão do documento, e estabelecer as relações com os criadores.

Os primeiros autores a teorizar sobre essa nova Diplomática, apropriada pela Arquivística encontram-se basicamente na Itália e na América do Norte.

Em 1987, a autora italiana Paola Carucci ao publicar “*Il documento contemporaneo: Diplomática e criteri di edizione*” tornou-se a precursora teórica da Diplomática Contemporânea, ao aplicá-la aos documentos públicos administrativos, focando a análise do processo administrativo. Segundo Tognoli (2007 apud DURANTI, s/d, p. 02) “o livro de Carucci pode ser considerado a primeira tentativa de aplicar a teoria e o método diplomático aos documentos que existem como parte de conjuntos indivisíveis, fundindo assim, Diplomática e Arquivística”.

Influenciada por Carucci, Luciana Duranti⁹ publica entre 1989 e 1992 uma série de artigos no periódico canadense *Archivaria*, intitulada *Diplomatics: new uses for an old science*, onde a autora expõe o método e os princípios diplomáticos e sua aplicação nos documentos do século XX, comprovando que os mesmos elementos contidos nos documentos medievais podem ser encontrados nos documentos gerados nos dias de hoje, provando assim a importância da utilidade da Diplomática e de seu método para a Arquivologia.

Além de Duranti, outros autores contribuíram para comprovar a eficácia do método diplomático e sua aplicação aos documentos contemporâneos, entre eles Romero Tallafigo, Antonia Heredia Herrera e Vicenta Cortés Alonso na Espanha. A contribuição do Brasil veio por meio dos estudos teóricos e aplicados de Heloísa Liberalli Bellotto, José Augusto Chaves Guimarães e Ana Célia Rodrigues.

⁹ Com a pesquisa de Iniciação Científica financiada pela FAPESP em 2006, processo nº,2006/02347-4, intitulada “O papel teórico de Luciana Duranti na Diplomática Contemporânea”, Natália Bolfarini Tognoli concluiu que Luciana Duranti pode ser considerada um marco teórico para a área e que sua série de artigos *Diplomatics: new uses for an old science* constitui um *turning point* na Diplomática.

4. A Arquivologia como formação Discursiva: A Tipologia Documental

A noção elementar que se tem de discurso como sinônimo de mensagem, informação, pronúnciação de meras palavras combinadas em frases, não corresponde ao interesse básico da AD. Podendo estar relacionada tanto à História quanto à Sociologia, a AD vai buscar, na verdade, o sentido ou sentidos produzidos pelo sujeito ao elaborar um discurso, as suas intenções e a forma como é recebido por quem ouve ou lê suas palavras. Por isso Pêcheux (1991) define discurso como “efeito de sentidos entre interlocutores”.

Os estudos do texto e do discurso¹⁰ têm como meta o exame das relações entre enunciação, discurso e fatores sócio-históricos, e representam abertura do campo de exploração da semântica para a produção concreta de enunciados em meios diversos. Os textos (orais e escritos), como manifestações de discursos diversos, se apresentam como unidades de análise, devendo ser compreendidos em sua *organização*, em sua *temática*, em seu *gênero*, em seu *estilo* – ou seja, em seu uso.

Se a análise do discurso pode ser entendida como a disciplina que tem por objeto o texto contextualizado, produzindo, portanto um efeito que se convencionou chamar por discurso é um fenômeno que pode ser particularizado pelo seu elemento fundamental, o enunciado.

O enunciado é fundamental porque, ele é conjunto de sentidos mais elementar que pode ser particularizado dentro do discurso.

O discurso pode ser entendido uma ordem onde se encontra um campo de experiência, ou seja, **um referencial**. O discurso é um lugar no qual se circunscreve o campo da experiência e do saber possível. Com um campo de experiências, orientadas, contextualizadas, assumidas (Charaudeau e Maingueneau, 2004)

“Um enunciado pertence a uma formação discursiva como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo”. (Foucault, 1996, p.135).

¹⁰ Segundo Maingueneau, D. e Charaudeau, No Dicionário de Análise do Discurso: texto e discurso definem-se da seguinte forma : A palavra “ texto “ apesar da definição corrente – “ todo discurso fixado pela escrita “ (Ricoeur, 1986, 137) - , não se remete prioritariamente à escrita. Opor texto escrito a discurso oral reduz a distinção ao suporte ou meio e dissimula o fato de que o texto é, na maioria das vezes, plurissemiótico. [...] Por outro lado, é preferível distinguir texto e discurso como duas faces complementares de um objeto comum tomado pela lingüística textual – que privilegia a organização do co-texto e da coesão como coerência lingüística, associação, e pela análise do discurso – mais atenta ao contexto de interação verbal

Segundo Guespin (Apud Charaudeau e Maingueneau, 2004, p.196):

O enunciado é a sucessão de frases emitidas entres dois bancos semânticos, duas pausas da comunicação; o discurso é o enunciado considerado do ponto de vista do mecanismo discursivo que o condiciona. Assim, olhar um texto sob a perspectiva de sua estruturação “em língua” permite tomá-lo como um enunciado; um estudo lingüístico das condições de produção desse texto possibilita considerá-lo um discurso

Desta forma, o enunciado do ponto de vista da análise do discurso é o mecanismo de particularização do discurso. Por exemplo, no caso da expressão “Não Fumar”, em um ônibus, indicado a lei que proíbe fica claro qual é o sentido dado àquela expressão, portanto toda produção enunciativa é ligada por um contexto, formando um discurso. Neste caso a proibição de se fumar em certos locais públicos, regulamentada em lei e aceita socialmente. Assim a expressão “Não Fumar” por ela mesma não produz efeito nenhum, e, portanto ela não pode responder como enunciado, nem como discurso.

Esta noção fundamental de enunciado acompanha outras duas a de Formação Ideológica e de Formação Discursiva, podemos compreendê-las da seguinte maneira, a formação discursiva:

O nível do enunciado: diz respeito ao sistema de formação dos enunciados que englobaria “um feixe complexo de relações” funcionando como regra. Enquanto regra, esse sistema determinaria “o que pode e deve ser dito” por um sujeito falante situado num dado lugar, num dada conjuntura, no interior de uma formação discursiva, sob a dependência do interdiscurso dessa última. Esse nível é o lugar da constituição da “matriz de sentido” de uma formação discursiva determinada no plano dos processos históricos de formação, reprodução e transformação dos enunciados. Esse nível se situa no plano das regularidades pré-terminais “aquém da coerência visível e horizontal dos elementos formados”.
O nível de formulação: refere-se ao “estado terminal do discurso” onde os enunciados manifestam certa “coerência visível horizontal” Trata-se do intradiscurso em que a seqüência discursiva existe como discurso concreto no interior do “feixe complexo de relações” de um sistema de formação (Courtine apud Brandão, 1997, p. 41).

Já sobre a FI em específico, segundo Pêcheux, ela pode ser considerada “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são individuais nem universais, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflitos “(1990, p. 11)

Portanto, a Formação Ideológica, são os elementos não semânticos do discurso, sendo assim, os elementos relacionados às relações sociais, de poder, o jogo entre as diversas instituições a luta de classes que se estabelecem nos campos discursivos. Se a Formação Discursiva é um conjunto de enunciados correlacionados por um feixe de

relações a Formação Ideológica é algo que atravessa a Formação Discursiva e provoca modificações na própria estrutura da Formação Ideológica, por exemplo, neste sentido podemos entender a Tipologia Documental, como enunciados resultantes de uma mudança no status metodológico da disciplina, provocado por mudanças externas a própria disciplina.

Desenhado esse pequeno histórico dos conceitos fundamentais da Análise do Discurso, abordaremos agora a Tipologia Documental enquanto parte da Formação Discursiva da disciplina.

Nos tópicos anteriores buscamos explicar como se deu o aparecimento da Tipologia Documental, construindo um breve histórico da disciplina e a partir deste histórico, podemos compreender a Tipologia Documental como uma ampliação do campo de atuação da Diplomática.

Um interessante fenômeno surge nesta acepção, diferente do que às vezes parece em textos clássicos da disciplina, vemos uma estreita relação entre estas duas disciplinas, portanto, a Formação Discursiva da Arquivística é atravessada por outra Formação, a Diplomática.

Estas Formações, que se cruzam desde seu aparecimento, na década de 80 cruzam-se novamente para enunciar outra maneira de abordagem dos arquivos, a Tipologia Documental.

Visto desta maneira, os embates conceituais são percebidos como um fenômeno muito mais complexo do que ele aparenta, o aparecimento da Tipologia Documental se dá, em um momento de modificação de algumas estruturas da sociedade, com a popularização das tecnologias de comunicação/informação, do desenvolvimento dos sistemas que uma década mais tarde seria conhecido como internet, ou seja, este método é uma das respostas para o aumento da complexidade nas administrações contemporâneas.

Benegir (1986) em seu grande trabalho a respeito da revolução no controle provocada pelo aparecimento das tecnologias de informação, coloca-nos que existia um déficit tecnológico desde do fim do século XIX, porque as mudanças ocorridas na administração no período das Guerras Mundiais e após seu término, desenvolveu uma carência de ferramentas de controle e gestão administrativa e que a popularização das

ferramentas tecnológicas a partir da década de 80 até os anos 90 são as respostas para esse déficit de controle.

À medida que as administrações vão ficando mais flexíveis e existe uma horizontalidade nas funções e competências a estrutura das instituições vai ficando mais fragmentada. A análise dos documentos como peças documentais que de alguma maneira remontam essa estrutura esfacelada, é um caminho seguro para o desenvolvimento dos métodos arquivísticos. Prova disso é o projeto InterPARES coordenado pela Profa. Luciana Duranti, como é colocado na página do projeto (InterPARES, 2008).

The International Research on Permanent Authentic Records in Electronic Systems (InterPARES) aims at developing the knowledge essential to the long-term preservation of authentic records created and/or maintained in digital form and providing the basis for standards, policies, strategies and plans of action capable of ensuring the longevity of such material and the ability of its users to trust its authenticity.

Portanto, nos é colocado, outra Formação discursiva muito atravessada pela Formação Ideológica atual, a revolução no controle provocada pelo desenvolvimento das tecnologia de informação/comunicação isso provoca mudanças profundas no interior das administrações e portanto, dos arquivos o projeto InterPARES, é neste sentido uma ação buscando o entendimento, a preservação e a autenticidade dos documentos digitais.

Podemos encarar a Tipologia Documental, como uma das primeiras respostas desenvolvida pelos arquivistas a estes novos contextos administrativos. São necessários outros métodos, outras relações, outros enunciados buscando resolver os problemas atuais dos arquivos.

5 Conclusão

Entendemos que o presente trabalho buscou algo que transpassa a teoria clássica da Arquivologia, pois buscamos discutir o parêntese conceitual-histórico de o que é e como se constitui a Tipologia Documental e seu papel na teoria Arquivística atual, uma vez que a Tipologia pode auxiliar nos novos contextos de produção de documentos.

Buscamos ainda, um olhar diferente a própria disciplina e de como se constituem seus conceitos, indo na Análise do Discurso, identificar os conceitos para fundamentais para compreender uma disciplina como parte de um discurso socialmente construído.

Já que pela perceptiva discursiva, toda produção textual é entendida como fruto de relações de poder que através destas relações, constitui-se um novo saber e ainda por meio dela, podemos compreender qual é o papel da Tipologia Documental na Arquivologia, teoria que possui um papel fundamental nos novos contextos de produção documental.

Este novo papel da Arquivologia ainda é nebuloso e pouco estudado e não estamos nos remetendo apenas ao estudo das tecnologias, mas sim, o lugar que a Arquivologia ocupada dentro da sociedade.

É necessário sem duvida, mas estudos de ordem teórica na área, porque, é só através deles é que a disciplina pode compreender suas metodologias e encontrar o seu lugar dentro da Ciência da Informação.

Encontrar seu lugar dentro da Ciência da Informação é fundamental para a Arquivologia, mas ainda mais fundamental para a própria Ciência da Informação.

Referências

- BARROS, T. H. B. *A Formação Discursiva do Documento de Arquivo: Uma Análise A partir de Processos de Delegacias de Ordem Política e Social*. Trabalho de Conclusão de Curso de Arquivologia. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marília, 2007.
- BELLOTTO, H. L.. *Arquivos Permanentes: tratamento documental*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 45-63.
- BENIGER, J.R. *The Control Revolution: Technological and Economic Origins of Information Society*. Londres:Harvard University Press, 1986.
- BRANDÃO, N. H. H. *Introdução a Análise do discurso*. 2.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.
- CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo:Contexto, 2004.
- DURANTI, L..*Diplomática: usos nuevos para una antigua ciencia*. Trad. Manuel Vázquez. 1ª ed. Córdoba : Asociación de Archiveros de Andalucía, 1995.
- _____.*Diplomatics of electronic records*. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <nataliabtognoli@yahoo.com.br> , em 26 nov. 2005.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 3. Ed.São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. *A Arqueologia do Saber*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- _____. *Vigiar e Punir*. Trad. De Raquel Ramalhet. 23. Ed. Petrópolis: Ed. Vozes. 2000
- PECHEUX, M. *Discurso: Estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1991.
- RONDINELLI, R. C.. *Gerenciamento Arquivístico de Documentos Eletrônicos: uma abordagem teórica da diplomática arquivística contemporânea*.2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- SILVA, A. M. da; et al. *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

TOGNOLI, N. B. *O papel teórico de Luciana Durante na Diplomática Contemporânea*. Trabalho de Conclusão de Curso de Arquivologia. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marília, 2007.

UNIVERSETY OF BRITISH COLUMBIA. InterPARES. Disponível em: <<
<http://www.interpares.org/>>> Acessado em 20 de Outubro de 2008